



IV
DIABLO
LORD OF HATRED

NAS ASAS DO PESADELO

LORATH

POR
JONATHAN MABERRY

HISTÓRIA
JONATHAN MABERRY

ILUSTRAÇÕES
LINDSAY KERNER

EDITORIAL
MEGAN WALKER

DESIGN
SOPHIE ERB

DIREÇÃO DE ARTE
ALEX CRESWICK

CONSULTORIA DE HISTÓRIA
IAN LANDA-BEAVERS

CONSULTORIA CRIATIVA
MATT BURNS, CASSIEL CHADWICK,
CHLOE FRABONI, ZAVEN HAROUTUNIAN,
DAVID LOMELI

PRODUÇÃO
HANNAH MATTISON, BRIANNE MESSINA,
TAKAYUKI SHIMBO, JT TORREA, TRACY WANG

TRADUÇÃO
JULIA SPANOPOULOS, CAMILA ASCÊNCIO
E CESAR PAULICCHI.



© 2026 Blizzard Entertainment, Inc. e o logotipo Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos EUA ou em outros países. Publicado por Blizzard Entertainment.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou artista, ou são usados de maneira fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

A Blizzard Entertainment não tem controle nem assume qualquer responsabilidade por autores, sites de terceiros ou seu conteúdo.



Prestem atenção no que digo, pois sou a Rainha Oráculo. É meu dever saber o que foi, o que é e o que será.

Sonhos são portais para a mente adormecida, um lugar sombrio onde janelas fechadas e passagens trancadas não impedem a chegada da verdade.

Nos sonhos planejamos e torcemos, idealizamos e acreditamos... e acordamos, acreditando ter solucionado todos os dilemas e descoberto segredos sobre nós mesmos.

Ah, como o universo se deleita nesta crença. Como se a melodia de um sonho esperançoso pudesse impor sua vontade à realidade.

Mas a verdade não é revelada em sonhos. Não. São nos corredores abandonados dos pesadelos que a verdade aguarda ser encontrada.

Mas há um preço.

Ah, claro. Um devido preço...





LORATH

Lorath ia para onde a noite o levava, e a noite não costumava ser agradável. A cada passo, ele sabia que estava sendo seguido.

Não perseguido, pois a figura envolta em um manto de sombras nunca parecia tentar alcançá-lo. Em vez disso, a *coisa* o assustava tanto que ele fugiu dela. Sua arma estava pronta, mas ele não ousou empunhá-la por medo de descobrir que seu perseguidor não poderia ser morto.

Lorath não era covarde. Ele havia sobrevivido a muitas batalhas, mas esta... isto... parecia diferente.

E assim ele fugiu, como havia feito por dias, cambaleando sem dormir até encontrar uma cidade. Ele se hospedou na primeira pousada que encontrou, uma com uma porta de carvalho pesada com faixas de ferro.

A sombra não entrou, e por um momento suas esperanças aumentaram. Será que tinha ido embora? Seria apenas algum viajante comum seguindo a mesma estrada? Ele inventou mentira após mentira para tentar transformar o horror em mal-entendido. Então... enquanto se preparava para se enfiar debaixo das pelagens de sua cama estreita, ele olhou pela janela uma última vez para provar que seus medos eram infundados.

Aquilo estava lá. Na calçada do outro lado da rua, uma coisa sem forma, escura como as sombras sob os beirais. Lorath não conseguia ver nenhum rosto, nenhum pedaço de pele ou lâmina, apenas escuridão.

À espera.

Lorath não tinha fé, nem Luz, nem ninguém a quem rezar. Nenhum santo que pudesse ouvi-lo. Mesmo assim, ele olhou da *coisa* para o rosto pálido e indiferente da lua e disse uma única palavra.

“Por favor.”

Mas de quem, ou por que ele pedia ajuda, nem mesmo ele sabia dizer.

Ele foi para a cama, mas não havia refúgio ali. Todos aqueles com quem ele havia falhado apareceram em sua inquietação. Os amigos, os aliados... Todos que confiaram nele e encontraram perigos e desgraça o encontraram e se aglomeraram ao seu redor como uma matilha de assassinos. Apunhalaram-no com palavras em vez de facas e, apesar de ele implorar por misericórdia, não obteve nenhuma.

Lorath não conseguia se lembrar quando se levantou daquele descanso sem sentido,

mas vestiu-se e voltou para a noite. Era como se seu corpo tivesse acordado antes de sua mente e, quando a consciência o alcançou, ele já estava nos limites da cidade, com a selva desconhecida além dela. As construções eram antigas e estranhamente tortas, como se tivessem crescido ali em vez de terem sido construídas. As bordas estavam macias devido ao mofo, e telhas pendiam dos últimos pregos enferrujados. As venezianas batiam ao abrir e fechar como os pulmões de um animal moribundo. As janelas superiores estavam quase todas escuras, exceto por alguns vidros onde um brilho amarelo desesperado revelava alguém encolhido no interior, tentando conseguir calor onde parecia não existir nenhum.

«Ajude-me», murmurou ele para a rua vazia, suas palavras suaves, mas ainda assim muito altas, muito grosseiras e destoantes. Apenas o céu ouvia, e ele quase desmoronou sob o peso da indiferença. Não era amigo dele, embora ele já tivesse prosperado em seu abraço. Seus irmãos, os Horadrim, nunca temeram a noite. Eles tinham sido o fogo da verdade e a força que brilhava contra a escuridão. Sua chama queimava intensamente e, à luz dela, os Horadrim ergueram seus cajados e pergaminhos e defenderam Santuário.

Ele ansiava pela luz daquela chama. Pelo seu calor.

Lorath não precisou se virar para ver se a criatura sombria o seguia.


«Por favor», ele implorou novamente, talvez suplicando à própria noite. Ele não tinha nenhuma outra ideia, então continuou seguindo em frente.

Seus pés pareciam pesados, estranhamente vagarosos e deformados. As solas das botas dele esbarravam em cada pedra do calçamento, em cada meio-fio, até mesmo nas bordas das sombras. Ele se inclinou para longe do vento, mas não havia ângulo algum que o livrasse dele.


A coisa que o perseguia parecia irradiar seu próprio frio, enviando-o como ondas de cavalaria para caçá-lo e cortá-lo com lâminas de gelo.

«Deixe-me em paz», gritou ele, e quando se virou, viu que a figura não se intimidava.

Seu próximo grito foi sem palavras: apenas um som de medo e desespero, e ele tentou acelerar o passo. Tentou. E falhou. O vento uivava tão forte que parecia invadi-lo e fez Lorath esquecer há quanto tempo estava exposto a esse frio terrível. Quando ele parou, agarrando-se a um batente ou a um poste enquanto lutava para inalar calor para seus pulmões congelados, ele olhou freneticamente ao redor. Pessoas saíram da escuridão e passaram por ele. Algumas lançaram-lhe olhares assustados e seguiram apressadas. Outras zombaram, como costumam fazer quando encontram alguém que



DIANTE DELE, ERGUENDO-
SE TORTUOSA ENTRE
OS RESTOS CINZENTOS
DE UMA FLORESTA
QUEIMADA, HAVIA UMA
ÚNICA ÁRVORE VIVA.
DE ALGUMA FORMA,
IMPOSSIVELMENTE, SUA
JORNADA O LEVOU ATÉ A
ÁRVORE DOS LAMENTOS.



caiu em desgraça. Alguns dos rostos eram familiares, mas ele não tinha certeza se sua sanidade ainda estava intacta. Ele viu outros Horadrim, mas cada um deles carregava as marcas das feridas, sejam lâminas, garras ou feitiços, que os haviam matado.

Era algum tipo de magia? Será que havia sido enganado por um feitiço?

Ele continuou caminhando, deixando a cidade para trás enquanto subia as colinas e atravessava cânions escuros. Então, uma percepção chocante o paralisou e ele parou, cambaleando e boquiaberto, mal conseguindo respirar por causa do que viu. Algo que não poderia estar ali. Algo que ele tinha certeza de que estava muito, muito longe.

Diante dele, erguendo-se tortuosa entre os restos cinzentos de uma floresta queimada, havia uma única árvore viva. De alguma forma, impossivelmente, sua jornada o levou até a Árvore dos Lamentos.

Ele recuou. “Não”, ele gritou. “Não posso estar aqui. Não posso ter chegado *tão* longe.”

O vento da meia-noite soprou com um riso malicioso ao passar por ele.

Lorath olhou desesperadamente ao seu redor.

Por que aqui? E por que agora?

Ele não havia se entregue a esta árvore em troca de um caminho que culminou na derrota de Lilith? Sim, mas as coisas só pioraram. Mefisto, o Senhor do Ódio, havia sido libertado. Tantos sacrifícios, e agora as coisas estavam piores.

Muito, muito piores. Pois a alma do mal estava espalhada pelo mundo. Ele sentiu o peso incalculável disso arrastando-o enquanto dava pequenos passos em direção àquela árvore.

Ele se virou e viu que a figura sombria ainda estava lá. A cem passos de distância, sua capa esfarrapada esvoaçava ao vento gelado.

Foi isso que me trouxe até aqui, pensou ele. Isso me fez vir a este lugar terrível. Mas por quê? O que isso quer comigo?

Acima dele, as nuvens se abriram para permitir que a lua derramasse sua luz sobre o local onde estava. Lorath sentiu seu coração bater como punhos frios nas paredes do peito. A realidade estava exposta em pedaços sangrentos ao seu redor. Ele percebeu que estava em uma planície de grama cinza e seca, que parecia perpetuamente curvada e congelada em formas dolorosas. Centopeias cinzentas como nuvens rastejavam pelas ervas daninhas com uma lentidão agonizante. Cogumelos tão largos quanto escudos inclinavam-se tortuosamente sobre seus caules inchados. E o céu estava da cor de um hematoma recente.

A Árvore dos Lamentos estava diante dele, seus galhos artríticos estendendo-se em todas as direções. De cada um dos muitos galhos das árvores pendiam frutos grotescos, grandes como abóboras, vagamente redondos e horrendos.

Uma voz chamou: «*Ah, aí está ele, o velho e solitário Lorath!*»

Ele se virou, inicialmente esperando que aquela voz tivesse vindo de seu perseguidor sombrio, mas no fundo, ele *sabia* que a voz vinha da mais próxima daquelas frutas horríveis.

Ele sabia que não era uma fruta, nem mesmo uma cabaça.

De cada galho pendia uma cabeça humana. Não estavam mortas e ensanguentadas, penduradas como troféus, mas *vivas*. Elas faziam parte da Árvore dos Lamentos. Foram suas línguas falecidas que falaram. E Lorath achava que sabia o motivo.

“Não”, ele protestou, “ainda não é a minha hora. A guerra ainda continua.”

As cabeças penduradas zombavam dele com risadas cruéis. Sangue jorrava de suas bocas e escorria de seus olhos em lágrimas escarlates.

“*Todos vocês abandonaram Lorath?*”, sussurrou outra.

Uma terceira zombou dele. “*Eis aquele que decepiona todos que cruzam seu caminho.*”

Lorath pressionou as mãos sobre os ouvidos. “N-Não é verdade”, ele gaguejou.

“*Diga isso a todos aqueles que você deixou para trás*”, gritaram as cabeças.

“Não! Eu cumpri minha promessa.”

“*Diga isso ao Donan*”, ironizou uma delas. “*Pois você o decepionou.*”

“*Diga isso para Neyrelle ou Tyrael*”, zombou outra. E assim por diante, com olhos se abrindo e bocas falando com vozes assustadoras. Eles o desprezavam por seus fracassos, contando-os, forçando-o a lembrar de cada pessoa cuja vida havia desmoronado por causa de seu mau julgamento. Por causa de sua arrogância e excesso de confiança. Aqueles que acreditaram nele e encontraram perigo e desgraça.

Atrás dele, Lorath podia ouvir a criatura velada se aproximar. O que era aquilo? Será que era a raiva de todos aqueles a quem ele tinha feito mal se manifestando? Era a sombra das mortes que ele havia causado? As pessoas que ele deixou para trás? As vidas que ele arruinou?

Sem saber como, Lorath sentiu que sua suposição estava correta. Ele estava preso entre as consequências de suas ações e a certeza de sua morte iminente.

Mesmo assim, ele encontrou um fragmento de coragem dentro de sua alma ferida. “Não”, ele gritou, dirigindo-se às cabeças e ao fantasma. “Eu lhes digo que *enfrentei* a escuridão...”



“*Diga isso ao Elias*”, zombou outra cabeça, e quando Lorath olhou, para seu horror, viu que era o próprio Elias. Sua cabeça, com o pescoço dilacerado e ensanguentado. Elias, com acusações ardendo em seus olhos.

“Você precisa me ouvir”, implorou Lorath. “Eu fiz o meu melhor para...”

Cada um dos inúmeros horrores gritava com ele, atacando-o com a mesma acusação amarga. “*Diga isso à Neyrelle!*”

“Não, não, *nãoooo!*” Lorath gritou para que ficassem em silêncio e o ouvissem.

Para que tivessem piedade.

As cabeças ficaram em silêncio, mas os olhos de Elias estavam fixos nele. “*Ah... Não se preocupe, Lorath. Suas escolhas logo terão consequências.*”

“Não, por favor...”

“*Você estará aqui logo, logo.*”

“Pela justiça que ainda resta neste mundo, não.”

“*Aqui comigo... Com todos nós...*”

“Não, não, não!”

“*Logo, logo*”, sussurrou Elias. “*Muito em breve... Veja...*”

Apesar do medo crescente em seu peito, Lorath olhou. Ele sabia que não deveria, que nada de bom poderia resultar disso, mas olhou mesmo assim. E ali, pendurado em um galho abaixo de todas as cabeças, Lorath viu o fruto mais terrível de todos balançando ao vento frio.

Sua própria cabeça. De boca aberta, pele cinzenta e olhos completamente aterrorizados pelo fracasso absoluto. Lorath se virou e viu o espírito da vingança levantar os braços e explodir, transformando-se em um bando de corvos negros como a noite. Eles se aglomeraram em torno dele, atacando-o e levando-o a cair de joelhos.



Lorath gritou até conseguir sair daquele lugar terrível.

Ele gritou enquanto atravessava os mundos das trevas.

Gritou e voltou para a cama na pequena e triste pousada onde havia ficado o tempo todo.

Virou-se e viu um corvo pousado no parapeito da janela. Seus olhos eram totalmente pretos e, ainda assim, pareciam queimar com um fogo frio.

Lorath agarrou a faca debaixo do travesseiro e se lançou sobre a criatura, esfaqueando-a com tanta força e ódio que a lâmina se enterrou sete centímetros na soleira da janela.

Mas o pássaro voou noite afora.

Quando ele caiu para trás, um ruído irrompeu pelo céu da meia-noite. O som do grasnar do corvo, zombando dele como se fosse uma risada. Lorath achou que sentiu o calor do fogo e o cheiro de enxofre, como se o Inferno lhe tivesse enviado um beijo.



Observe, então.

Ninguém, seja erudito, rainha ou guerreiro, realmente tem posse da própria alma. Ninguém está livre das consequências da sabedoria. Somos todos condenados pelas coisas que fizemos. Todas as escolhas feitas nos guiam em nossas jornadas. Todas as decisões, até aquelas que tomamos com certeza, cortam como uma faca. Nessas cortes se esvaem nossa esperança e nossa pureza. Cada corte abre caminho para a corrupção ocupar nossa carne e nosso sangue.

E ainda assim...

Algumas mentes são corrompidas mais facilmente. Por bem ou por mal... quem poderia decidir?

Eu acordo dos meus próprios sonhos... dos meus próprios pesadelos. Meus olhos se afastam do horror, mas eu ainda o vejo. Eu ainda sei. As palavras escapam dos meus lábios.

“Algo está a caminho”, eu digo. E lá fora, nas árvores, mil aves noturnas ecoam temerosas. «Algo terrível... está a caminho...»



BIOGRAFIA DO AUTOR

JONATHAN MABERRY é um autor de best-sellers do *New York Times*, cinco vezes vencedor do Bram Stoker Award, quatro vezes vencedor do Scribe Award, vencedor do Inkpot Award, autor de mais de cinquenta romances e editor de mais de trinta antologias. Ele também escreve quadrinhos, é poeta, diretor de produção e professor de escrita. Sua série de livros *V-Wars* foi adaptada em uma série original da Netflix; um filme de seu romance *Rot & Ruin* está sendo produzido com a Alcon Entertainment; e seu suspense *Joe Ledger* se tornará uma série de TV de Chad Stahelski, o diretor dos filmes *John Wick*. Jonathan escreve terror, ficção científica, fantasia, aventura, suspense e muito mais. Ele é presidente da International Association of Media Tie-in Writers e editor da *Weird Tales Magazine*. Veja mais em jonathanmaberry.com.